



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

ST8 – DIÁLOGOS DE SABERES PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS

**A CULTURA, AS CULTURAS CONSTRUTIVAS, OS MBYÁ GUARANI, A TEKÓ JEAPÓ
E O TEKOÁ**

**THE CULTURE, THE CONSTRUCTIVE CULTURES, THE MBYÁ GUARANI, THE
TEKO JEAPÓ AND TEKOÁ**

Cássio Alexandre BARIVIERA¹, Olavo Ramalho MARQUES²

Resumo: Existe mais inteligência nos arcos em ogiva, abóbada em cruzaria e arcobotante das igrejas góticas, nos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier, no concreto armado de Niemeyer, ou em uma arquitetura autóctone *Mbya Guarani*? Deseja-se a partir desta análise discorrer sobre o fenômeno da cultura, num primeiro momento evidenciando a necessidade de se deixar para trás os preceitos evolucionistas que ainda pairam no imaginário ocidental, com relação a uma hierarquia evolutiva entre as civilizações e também, a partir da noção de culturas construtivas, discorrer sobre a Perspectiva do Habitar de Tim Ingold e então construir um dialogo a partir da produção dos abrigos dos Mbyá Guarani, suas relações com o ambiente, o modo de organização do trabalho e também dos sistema de difusão e construção dos conhecimentos. Orientando para a reflexão de como determinadas sociedades produziram tecnologias construtivas mais legitimadas por fatores ligados à tradição cultural do que à razão técnica hegemônica ocidental, o que nem nenhum aspecto lhes reduz o caráter da inteligência, mas sim, reforça a riqueza do poder de adaptação e desenvolvimento de técnicas capazes de solucionar seus problemas e sanar suas necessidades de abrigo e convívio social.

Palavras-chave: Cultura. Culturas construtivas. Mbyá Guarani. Diálogo de saberes.

Abstract: Is there more intelligence in the pointed arch, in ribbed vault, in buttresses of the Gothic churches, in the five points of Le Corbusier's new architecture, in the reinforced concrete of Niemeyer's, or in an autochthonous Mbya Guarani architecture? Based on this analysis, it is intended to discuss the phenomenon of culture, at first evidencing the need to leave behind the evolutionist precepts that still hover in the Western imagination, in relation to an evolutionary hierarchy between civilizations and also, from the notion of constructive cultures, talk about Tim Ingold's in "dwelling perspective" and then build a dialogue based on the production of the Mbyá Guarani shelters, their relationship with the environment, the spirituality, the way of organizing work and also the systems of dissemination and construction of knowledge. Orienting towards the reflection of how certain societies produced constructive technologies more legitimized by factors linked to cultural tradition than to western hegemonic technical reason, which neither reduces the character of intelligence, but rather reinforces the wealth of the power of adaptation and development of techniques capable of solving their problems and solving their needs for shelter and social interaction.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento - UFRGS - Litoral Norte. cassio.bariviera@gmail.com.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte (UFRGS/CLN). olavoramalhomarques@gmail.com.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Keywords: Culture. Constructive cultures. Mbyá Guarani. Knowledge dialogue.

INTRODUÇÃO

Há uma infinidade de manifestações arquitetônicas ao redor do planeta, tanto relativas a modelos autóctones, quanto modelos amplamente difundidos, como é o caso da arquitetura ocidental, na qual estamos inseridos. O fato que cabe aqui ressaltar, vêm da necessidade de se colocar em debate algumas noções de superioridade que ainda rondam o pensamento contemporâneo, não somente com relação às manifestações arquitetônicas, mas com relação às diferenciações culturais como um todo.

Para isto, parte-se de uma reflexão acerca da genealogia do termo cultura até o fenômeno da produção dos abrigos a partir da noção de cultura construtiva, frisando que este trabalho busca romper com toda e qualquer noção de hierarquização humana, social ou cultural, ou qualquer possibilidade de existência de uma menor ou maior inteligência.

A aproximação com a cultura Mbyá Guarani se deu devido a um trabalho de campo realizado na *Tekoá Ka'aguy Porã* (Aldeia Retomada), em Maquiné/RS, na disciplina “Natureza e Cultura”, ministrada pelos professores Olavo Ramalho Marques e Felipe Comunello, no curso de Pós Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES). Outros dados e informações, bem como, a base teórica-conceitual, se deram por meio de uma pesquisa bibliográfica, utilizada para elencar os elementos importantes para a discussão e aquisição do ferramental analítico necessário para as reflexões.

Sobre a Retomada, em um documentário resultado de uma oficina de audiovisual junto à comunidade da Aldeia Ka'aguy Porã, o cacique André Benites relata:

Então essa é a retomada, a retomada do território e retomada da vida. [...] E a gente, desde que entramos aqui a gente está feliz, tem criança brincando. Nós temos tudo o que nós precisamos, principalmente da nossa cultura. O que dá condições pra gente continuar a nossa cultura. [...] Fizemos essa retomada para melhorar nosso futuro e principalmente o futuro das crianças. E a gente sabe que nessa terra, foi aberto os caminhos pra nós pisar aqui, que essa área é dos nossos ancestrais, né? [...] Nós fazemos parte da natureza e nós temos autonomia pra cuidar dessa natureza. Então por isso estamos fazendo a luta pra preservar a natureza, que essa é uma luta, que não é só minha luta, não é luta dos povos indígenas, essa luta é para a humanidade. (BENITES, A; MARQUES, O, R; VOLF, M; 2018).

Este trabalho organiza-se em seis seções, sendo a primeira caracterizada por esta introdução. Na segunda, adentra-se em questões relacionadas à genealogia do termo cultura e também à noção de etnocentrismo. Na terceira seção é feita uma reflexão acerca da ideia de cultura construtiva, conectando-a com as reflexões de Tim Ingold (2000) quanto à Perspectiva do Habitar. Na quarta seção é feita uma breve leitura sobre a cultura e a arquitetura *Mbyá Guarani*, demonstrando algumas de suas características e principais recursos empregados. Nesta seção também são apresentados dados referentes à Retomada *Ka'aguy Porã*ⁱ e ao processo construtivo da Escola *Teko Jeapó*ⁱⁱ, conectando-as com temas como a bio-arquitetura e as soluções baseadas na natureza. Posterior a estas explanações, são tecidas as considerações finais e apresentadas as



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

referências bibliográficas utilizadas.

CULTURA E ETNOCENTRISMO

Inicia-se esta seção com o seguinte questionamento: Existe mais inteligência nos arcos em ogiva, abóbada em cruzaria e arcobotante das igrejas góticas, nos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier, no concreto armado de Oscar Niemeyer, ou em uma arquitetura autóctone Mbyá-Guarani? Para chegar a um posicionamento com relação a esta questão, primeiro nos deteremos sobre o conceito de cultura.

Segundo Peruzzo (2018) a palavra cultura tem origem no latim, da raiz colere, cuja tinha vários significados: habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração, conforme cita Williams (2007):

[...] “habitar” desenvolveu-se do latim colonus até chegar a colony [colônia]. “Honrar com veneração” desenvolveu-se do latim cultus até chegar a cult [culto]. Cultura assumiu o sentido principal de cultivo ou cuidado, [...] em todos os primeiros usos, cultura era um substantivo que se referia a um processo: o cuidado com algo, basicamente com as colheitas ou com os animais. (WILLIAMS, 2007, p.117).

Cuche (2012) reporta ao século XVIII na França, como o período em que a palavra cultura adquire seu sentido moderno, relacionando-se naquele contexto, tanto à ideia de "educação do espírito" quanto a de "civilização". Nesta perspectiva, Williams (2007) sustenta que para a época:

Seu principal uso era ainda como sinônimo de civilização: primeiro, no sentido abstrato de um processo geral de tornar-se “civilizado” ou “cultivado”; e segundo, no sentido que já fora estabelecido para civilização pelos historiadores do iluminismo, na popular forma setecentista das histórias universais, como uma descrição do processo secular de desenvolvimento humano. (WILLIAMS, 2007, p. 119).

A grande questão é perceber a noção de “valor natural” (WILLIAMS, 2007, p. 118) a que a ideia de cultura dessa época estava atrelada. Esta que “desconsidera a lógica de funcionamento de outra cultura” em razão de uma “uma avaliação pautada em juízos de valor daquilo que é considerado diferente” (RIBEIRO, 2017). A isso, dá-se o nome de etnocentrismo, tendência que persiste até os dias atuais de maneira bastante acentuada e que parte do pressuposto de que existem civilizações mais avançadas, cujas se sobrepõem sobre o restante do mundo, que é atrasado. (PERUZZO, 2018, p. 26).

Com o surgimento do pensamento evolutivo unilinear a partir do século XIX, a noção etnocêntrica de superioridade ganhou força, principalmente devido à teoria de que estas diferenciações fariam parte do processo natural de evolução do homem, processo este que permitiria classificar as civilizações em níveis de progresso, pautando a ideia de que um dia as



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

“mais atrasadas” poderiam alcançar o mesmo estágio “avançado” da civilização europeia, de acordo com uma escala natural da civilização humana baseada no determinismo biológico vigente na ciência da época. (LARAIA, 1986).

Lévi-Strauss (1989) em seus estudos etnográficos faz uma interessante colocação ao criticar a postura de alguns cientistas diante daquelas populações que lhes teriam parecido incompatíveis, com um nível técnico e econômico muito baixo, lhes atribuindo um nível intelectual equivalente. Para o autor, esse preconceito baseado na “simplicidade e na grosseria” não permitiu que estes etnógrafos se informassem sobre seus sistemas de classificações conscientes, complexos e coerentes. Diante disto, Levi-Strauss (1989) sustenta:

Por isso a imagem tradicional que fazemos dessa primitividade deve mudar. Nunca e em nenhum lugar o "selvagem" foi esse ser recém-saído da condição animal ainda entregue ao domínio de suas necessidades e instintos que muitas vezes nos aprouve imaginar e tampouco essa consciência dominada pela afetividade e mergulhada na confusão e na participação. (LÉVI STRAUSS, 1989, p. 58).

Portanto, tentar observar o mundo a partir de uma perspectiva particular ou de um povo ao qual se pertence não traduz a realidade, e desde o século XVIII já se demonstrava a necessidade de se repensar o seu uso.

“Nada é mais indeterminado que essa palavra e nada mais enganoso que sua aplicação a todas nações e todos períodos [como faz a ideia de progresso unilinear] [...] Homens de todas regiões do globo que haveis perecido ao longo das épocas, não viestes apenas para adubar a terra com vossas cinzas, para que ao final dos tempos a cultura europeia derramasse felicidade sobre vossa posteridade. A própria ideia de uma cultura europeia superior é um insulto flagrante à majestade da Natureza.” (HERDER, 1784-91, apud WILLIAMS, RAYMOND, 2007, p.120).

Já no século XIX, no contexto do romantismo alemão, termo *Kultur* designa tudo aquilo que é autêntico e contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual, inaugurando o conceito relativista de cultura (CUCHE, 2012). Neste mesmo período é possível também citar o trabalho do antropólogo Fran Boas, cujo elaborou o método de pluralizar a cultura a partir de um “relativismo cultural”, colocando em xeque as noções de cultura sustentados pelos preceitos evolucionistas.

Para Cucho (2012) a noção de cultura é imanente ao pensamento das ciências sociais. "Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade, além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos" (CUCHE, 2012, p. 09). Para este autor, a cultura confere ao homem a capacidade de adaptar-se ao meio, assim como de adaptar o meio ao próprio homem, sendo a transformação da natureza somente possível através da cultura.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Raymond Williams (2007) conceitua cultura como algo que pode ser percebido em pelo menos três usos. O primeiro deles, é caracterizado como um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; o segundo, como um modo de vida, seja individual ou comunitário, como por exemplo, o modo de vida de um povo; e por fim, o terceiro, que derivado do primeiro, está relacionado com a descrição de obras e práticas da atividade intelectual, onde destaca-se por exemplo, a arte. A partir destas duas últimas perspectivas, será abordado o próximo tópico sob a forma de “culturas construtivas”, como um exemplo de enquadramento de obras e práticas da atividade intelectual desenvolvidas pelo homem e da capacidade de adaptação do homem ao meio e de adaptação do meio ao homem.

Culturas Construtivas

Habitar e construir segundo Peruzzo (2018) são palavras de uma mesma origem linguística. Do verbo construir, *bauen*, cujo tem origem germânica, do antigo alemão e inglês, *buon*, que significa, habitar. Sobre habitar, subentendia-se que seria mais do que ocupar uma casa, mas sim, a maneira com que alguém vive sua vida. *Bauen*, tem ainda um outro sentido, o de preservar, cuidar, ou mais especificamente, cultivar o solo. E ainda há uma terceira definição, a de construir, de fazer alguma coisa, uma edificação. Os entendimentos modernos de construir são, portanto, cultivo e construção, que estariam englobadas no uso primordial do jeito de ser, de habitar. (INGOLD, 2000, p.185).

Entretanto, esse entendimento mais amplo segundo Peruzzo (2018) foi se perdendo ao longo do tempo, simplificando construir apenas como cultivo e construção, esquecendo-se do sentido original de *bauen*, “ser/viver”. Sobre isto, a perspectiva do habitar trazida por Ingold (2000) busca nos direcionar justamente para este “significado esquecido”, onde habitar o mundo, para nós humanos, significa ser um “organismo-pessoa no ambiente”, ou seja, toda percepção, pensamento e aprendizado é corporalizado. (PERUZZO, 2018).

Com relação ao termo ‘culturas construtivas’, devemos nos debruçar sobre alguns elementos em especial para compreender os aspectos reais que as diferenciam para quando colocamos mais de uma manifestação lado a lado, como é o caso do questionamento inicial deste trabalho. De acordo com o documento produzido pela Unidade de Arquitetura para Educação da Unesco (1993), cada uma das culturas construtivas pode ser posicionadas como “verdadeiras expressões de conhecimentos científicos e técnicos, de saber-fazer dominados, centrados e perfeitamente situados dentro do contexto histórico de produção” (UNESCO, 1993).

Ferreira (2012) nos afirma que ambas as manifestações, por estarem inseridas em momentos históricos, políticos, sociais e geográficos distintos, apresentam esquemas estruturadores que os diferenciam em seus sistemas de produção. Alguns foram estabelecidos a partir de modelos de sociedade baseados em complexas relações de força, dominação e poder, outros ocorreram dentro de modos de produção pré-capitalista, contendo técnicas pré-industriais e ainda outros se desenvolveram dentro do modo de produção industrial capitalista, obedecendo ideais de racionalidade, reprodução em larga escala e demais características da arquitetura moderna e contemporânea por exemplo. Este posicionamento coloca o processo produtivo no cerne da reflexão, num lugar em que a produção cognitiva se retroalimenta com o “saber-fazer” dos gestos construtivos.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Desta síntese e de sua adequação a um determinado contexto ambiental, cultural e político, nascem condições potenciais para que um grupo social crie suas estratégias de desenvolvimento e reprodução, das quais as culturas construtivas são elemento, instrumento e processo. (FERREIRA, 2012. p. 79).

Para o Ferreira (2012), observar a proximidade entre as arquiteturas produzidas e os respectivos valores e usos de quem as produziu, é fundamental para a compreender a natureza do objeto arquitetônico, considerado aqui como produto da cultura. O autor sustenta que o termo “cultura construtiva” nos fornece uma dupla interpretação. A primeira delas nos revela o caráter cultural da ação construtiva, onde as características de uma dada sociedade são materializadas na edificação, nos próprios processos construtivos e nos mecanismos de produção/construção/transmissão dos saberes e a segunda, o caráter da produção das culturas, algo como – “culturas em construção”, o que nos remete ao sentido dos processos de produção e o desenvolvimento dos mesmos.

Ferreira (2012) sustenta que este termo expressa o imenso leque de criações arquitetônicas desenvolvidas pelas mais diversas civilizações ao longo dos diferentes períodos históricos. O que para Guillaud (2008) torna-se fundamental para entendermos o caráter progressivo e adaptativo do termo. Segundo ele:

Uma cultura construtiva é o resultado de um lento processo de experimentação para configurar um habitat, em um meio ambiente particular (contexto, sítio, clima, recursos), em um tempo, e em um espaço do território. Este processo de experimentação adaptativa e evolutiva, em trajetória sempre recomposta, resulta na aquisição de uma experiência que liga o saber e o saber-fazer a capacidades de produção de respostas construtivas (materiais, elementos e sistemas), e arquitetônicas (estruturas, espaços, formas) sob a forma de modelos e de tipos elaborados que respondem às necessidades das sociedades (economia, funções, usos, modos de vida, bem estar) e às suas expectativas (aspirações, elevação, espiritualidades). Estes modelos transmitidos de geração em geração de construtores, nas sociedades tradicionais, são também garantidores de identidade e de coesão das sociedades que as produzem em torno de um conjunto de valores culturais materiais e imateriais compartilhados. (GUILLAUD, 2008).

Ao evocar as diversidades e as características presentes nas culturas construtivas, destaca-se a importância de compreendê-las a partir de uma leitura que evidencie seu caráter identitário, modos de vida, laços sociais, normas, regras, valores, processos, etc., e não como parâmetros de comparação entre uma e outra. Todos os exemplos acima citados estão em constante transformação, são formas culturais complexas e cheias de contradições, porém, por serem formadores de identidades, são parte da essência produtora das culturas construtivas e também da cultura de modo geral.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

A arquitetura Mbyá Guarani, a retomada e o Tekoá

Reconhece-se que os Guaranis sejam originários da Amazônia, como resultado de um desdobramento do tronco Tupi, há mais de dois mil e quinhentos anos (CHAMORRO, 1999). Souza (1998) afirma que os Mbyá se identificam como uma “etnia diferenciada dentro do elenco de variações culturais Guaraní”, tanto por resguardarem suas características étnicas, como por manterem uma rede de alianças geograficamente afastadas, os que lhes possibilita uma ampla movimentação no território, principalmente para a visitação de parentes. Geograficamente os Mbyá distribuem-se pelos estados da região sul e sudeste.

Sobre as construções Mbyá Guarani, Zanin e Sattler (2007) sustentam que a partir das considerações dos Mbyá, foi possível compreender a necessidade que eles possuem em articular a rede de parentesco para que elas se viabilizem, algo como mobilizar um sistema de reciprocidade e gerar uma economia interna ao *tekoá*. É durante a execução de uma construção que ocorre a disseminação dos saberes construtivos, despertando as aptidões das crianças e jovens, que que estão sempre inseridos no processo.

Sobre esse sistema de construção e difusão de saberes, Ferreira (2012) comenta que a força da tradição de um povo reside justamente na capacidade dos processos de disseminação dos diferentes conhecimentos e saberes, e também na qualidade com que estes elementos da cultura são difundidos e modificados através das gerações, perpetuando determinados saberes e abandonando outros. Destes processos intergeracionais, graduais e contínuos se dá a manutenção da identidade coletiva.

Além das noções de identidade, de tradição e de prática, a noção de cultura construtiva evoca igualmente a dimensão do “cultivar”, quer dizer, da transmissão pelo ensinamento, aprendizagem, criação, etc. Ela constitui uma herança carregada de sentidos e de valores que oferecem uma reinterpretação constante do mundo, num jogo entre o passado, o presente e o futuro, e então entre o patrimônio e o projeto, entre a memória e a criação. (GUILLAUD, 2008).

Na criação do mundo da mitologia Mbyá Guarani do Paraguai por exemplo, Leon Cadogan (1997) conta uma história que narra que *Nhande Ru* (nosso pai, o criador) fez surgir da escuridão uma coluna de madeira indestrutível (*yvyra ju'y*), para apoiar nela a terra que estava criando. A imagem desta coluna que existe hoje na terra é *aju'y mirĩ*, o louro. Esta é considerada uma espécie especial, assim como o cedro (*ygary*) e ambas devem ser empregadas pelos Mbyá na construção de suas casas.

Outra espécie especial para os Guaranis, é a palmeira, cuja aparece nos mitos como uma equivalente à Casa de Rezo, que é um veículo para atingir a perfeição (COSTA, 1993). Costa e Ladeira (1997) apresentam as folhas de *pin dó* (coqueiro jerivá - *Syagrus romanzoffiana*) como o melhor material a ser utilizado na cobertura das edificações, e o tronco utilizado como a estrutura das mesmas, porém devido à dificuldade de encontra-las em quantidade, tem sido preferível apenas que elas permaneçam no *tekoá*, ao invés de serem empregadas na construção das casas.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Para além dos aspectos míticos, é interessante observar que entre os Mbyá, o emprego de materiais é dado principalmente pela disponibilidade dos mesmos, porém, não podemos afirmar que somente as condições ambientais e climáticas do lugar determinam o modo como eles expressam a sua cultura construtiva. Para Guidoni (1994):

A escola positivista se esforça em demonstrar, apoiando-se em mapas de distribuição mundial das formas de habitat, que a localização de tipos arquitetônicos se dá em função do clima, de recursos naturais, de materiais disponíveis, etc. Entretanto, todas as análises mais aprofundadas devem levar em consideração, entre outras coisas, as correntes culturais, as estruturas sociais e econômicas, o conjunto de ritos e de mitos, que, cada vez mais, conduzem a pensar que a influência do meio ambiente sobre a arquitetura se exerce menos positivamente que negativamente (impossibilidade de emprego de certos materiais, de certos tipos de formas, etc.). A arquitetura se desenvolveu e se diferenciou como instrumento da vida social, apesar das limitações impostas pelo meio ambiente, e não por causa dele. (GUIDONI, 1994. p.05).

Há também alguns fatos que acabam dificultando o acesso a determinados recursos, o próprio fato da diminuição dos exemplares de cada espécie, legislações ambientais rígidas e até mesmo a apropriação de novos materiais (geralmente industrializados). Sobre isso Carneiro Cunha (2009) sustenta que a construção da identidade étnica se utiliza da tradição, seleciona elementos a serem preservados e lhes dá a aparência de imutabilidade, todavia, sendo a cultura um agente dinâmico, assim como o próprio mundo, os elementos culturais também se alteram inevitavelmente.

Dentre os materiais mais utilizados para as construções Mbyá Guarani na área estudada por Zanin e Sattler (2007) destacam-se o uso da taquara mansa - *Merostachys sp*: tanto para o tramado do pau-a-pique para a sustentação do barro, assim como para a cobertura, onde a taquara é cortada em lâminas e então disposta conforme o caimento da água.

A madeira roliça, utilizada como estrutura e a palmeira jerivá - *Syagrus romanzoffiana* – o *pindó*, têm o tronco utilizado em tábuas enlaçadas com cipó, para fechar as paredes e as suas folhas nas paredes e na cobertura. O cipó é utilizado nas amarrações (*ojokuaá*) por vezes é substituído por outros materiais como tiras de tecido, pregos e arames.

E por fim a terra crua, (*yvy ó*) – o barro é retirado do próprio local e reflete nas casas a tonalidade do solo. Segundo os Zanin e Sattler (2007), a durabilidade da casa Mbyá Guarani geralmente não ultrapassa dez anos. Cabendo aqui ressaltar que o tempo das culturas construtivas é um tempo lento. Ferreira (2012) sustenta que o processo se dá de maneira gradual, através das gerações, movimentos, adaptações, salvo em casos de bruscas rupturas, onde se impõem novas culturas construtivas em substituição das antigas.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020



Figura 01: Casa de pau-a-pique Mbyá Guarani - Maquiné – RS. Fonte: Autor (2019). Figura 02: Lateral da Casa de Rezo (Telhado de Taquara Mansa) Mbyá Guarani – Maquiné – RS Fonte: Autor (2019).

Na Retomada, foi possível verificar semelhanças entre o que foi retratado por Zanin e Sattler (2007), evidenciando as características físicas das construções autóctones da mesma etnia, porém, conectada a um movimento que abriu espaço para o uso de novos materiais, tecnologias e técnicas, o que não caracterizou uma ruptura, mas uma adaptação diante do contexto de uma retomada com um forte apelo territorial e identitário.

Farias e Hennigen (2019) sustentam que a Retomada se deu a partir de um processo de articulações entre indígenas e *juruás*ⁱⁱⁱ. A área que estava sob posse do Estado do Rio Grande do Sul, teve sua função de unidade de pesquisa da Fundação de Pesquisa Agropecuária extinta pelo estado em novembro de 2016 e então ocorreu a retomada por famílias **Mbyá** Guarani em 27 de janeiro de 2017. O símbolo desta retomada é a Escola *Teko Jeapo*, ou Cultura em Ação, onde segundo Lang (2018):

Teko Jeapo é a cultura em ação que é construída pelo seu povo, tem como objetivo a liberdade do mesmo para educar suas crianças, produzir conhecimentos, compartilhar sua cosmovisão com outras culturas. Representa um espaço de aprendizagem intercultural, assim possibilita o fortalecimento da cosmovisão Mbyá entre os jovens, e ao mesmo tempo, o desenvolvimento de diálogos entre os conhecimentos dos demais povos originários e com outros povos. Preparando os Mbyá para uma realidade de encontros étnicos em que sua cultura seja valorizada. Desta forma, ela busca proporcionar a nação Mbyá Guarani uma conexão da sua cultura com o mundo contemporâneo. (LANG, 2018. p. 18).



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020



Figura 03: Fachada Frontal da Escola Tekó Jeapó –Mbyá Guarani – Fonte: Autor (2019). Figura 04: Vista interna (vão central) da Escola Teko Jeapo –Mbyá Guarani – Fonte: Autor (2019).

A Escola *Teko Jeapo* foi uma construção elaborada a partir da cultura construtiva tradicional dos *Mbyá Guarani*, o pau-a-pique, porém com o diferencial de ter sido construída de forma coletiva entre os *Mbyá* e a comunidade de apoiadores *juruá*. Entre trocas de saberes e técnicas, resultou um grande salão construído coletivamente para abrigar as diversas atividades da comunidade. Diferente das demais construções, mas nem tanto, este edifício demonstra uma fusão entre a tradição e a modernidade. O vão interno sem pilares centrais contrasta com a escala humana das casas tradicionais, sem abrir mão do uso da madeira. Ao tempo em que acolhe as soluções da telha de fibrocimento em sua cobertura e a geração de energia elétrica através das placas fotovoltaicas, não deixa de lado o chão de terra batida e nem as paredes de barro, que agora ganham maior espessura, rebocos mais resistentes e garrafas coloridas pra produzir efeitos de luz. A nova estrutura permite as grandes janelas e a ampla iluminação do ambiente interno, dando vida às múltiplas funções que este ambiente proporciona. O edifício insere-se no ambiente assim como os demais, e suas características enriquecem as percepções daqueles que por ali circulam, cumprindo sua função e permitindo a vivência e a troca de conhecimentos.

Segundo Farias e Hennigen (2019) as palavras dos *Mbyá* são carregadas de sentidos. Ao falarem, dizem que suas falas são inspiradas pelo coração, pelas suas divindades e por seus ancestrais. Assim, **Tekoá^{iv}**, significaria espaço, ou lugar que tem as condições de existência e realização de seu modo de vida ancestral, seu **nhanderekó ou tekó – o lugar onde se dão as condições** de ser *Guarani*. O mesmo se percebe ao nome dado ao *Tekoá*, a área que lhes foi dada por *Nhanderú: Ka'aguy Porã*, que significa “matas saudáveis, boas, com recursos naturais ainda abundantes, onde vivem os animais originais em sua diversidade” (Gobbi et al., 2010, p.21).

Diante de todos estes elementos, pode-se observar a proximidade entre as arquiteturas produzidas e os respectivos valores de quem as produziu, trazendo à tona questões que abrem espaço para reflexões mais aprofundadas, como por exemplo: Como as relações com a natureza dos não indígenas refletem-se em sua maneira de construir abrigos? De que maneira as culturas construtivas autóctones podem auxiliar nesse processo?

O principal motivo para se dar atenção a estes questionamentos, está ligado ao fato de que os



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

recursos naturais são finitos e que a extração dos materiais convencionais como os minérios de ferro para a produção do aço, o cimento, o petróleo e até mesmo a madeira, estão diretamente ligadas aos altos índices de degradação ambiental, sendo a indústria destes materiais, parte responsável pelos danos irreversíveis causados ao ambiente.

Neste sentido, as bio-arquiteturas já nos falam sobre isso há algum tempo. Por vezes confundidas com construções autóctones ou consideradas de baixa qualidade ou durabilidade, as bio-arquiteturas são edificações que buscam pela diminuição dos impactos causados ao ambiente, primam pela utilização de sistemas construtivos e de materiais de menor impacto ambiental, pelo uso de materiais locais, pelo uso de tecnologias que favoreçam a captação e o reaproveitamento da água das chuvas, de geração de energia, por sistemas de ventilação e iluminação natural, tratamento de efluentes, e muitos outros elementos que trabalham em conjunto com a natureza de modo a integrar um sistema equilibrado.

Para Ferreira (2012) as características das culturas construtivas que nos fazem admira-las estão justamente nas inteligências, nos mecanismos evolutivos e adaptativos que souberam e sabem produzir respostas as exigências mutáveis dos diferentes contextos e desafios a que são expostas. Portanto, diante do período histórico em que estamos inseridos, cabe-nos refletir acerca do modo como expressamos nossos modos de morar e nossas culturas construtivas de modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da genealogia da palavra cultura, identificou-se as mudanças ocorridas desde o seu sentido inicial, onde era empregada em diversos usos, como: habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. Posteriormente evidencia-se o modo como foi empregada à ideia de civilização, e como este modo de interpretação do termo trouxe consigo uma lógica hegemônica para a noção de cultura, desconsiderando qualquer outra que estivesse fora da pauta dos juízos de valores estimados para a época, reforçando a ideia de que a partir da existência de uma civilização mais avançada, esta teria o poder de se sobrepor ao restante do mundo, visto como atrasado. Este modo de conceber a cultura somente foi posto em xeque em meados do século XIX para o século XX, momento em que passam a vigorar teorias que visavam pluralizar a cultura a partir de um “relativismo cultural”, passando a concebê-la como a própria condição de existência do ser humano e produto contínuo das suas ações.

No tópico seguinte abordou-se o termo cultura construtiva como um subproduto da cultura, do processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético e como o modo de vida de um povo ou ainda como a descrição das obras e práticas comuns da atividade intelectual deste, como a arte por exemplo, conectam-se à reflexão acerca da perspectiva do habitar de Tim Ingold, onde habitar e construir estariam englobados no jeito de ser e viver.

Por fim, adentra-se à arquitetura Mbyá Guarani, que nesta ocasião, vincula-se a Escola *Tekó Jeapó* e a tradução de *Tekoá*, como forma de amarrar os temas comentados anteriormente: a noção de cultura como uma condição de existência do ser humano, e a perspectiva do habitar, vista pela ótica do “organismo-pessoa no ambiente” (INGOLD, 2000), ou seja, o lugar onde o ser tem as condições de existência e realização de seu modo de vida ancestral.

O breve contato com a etnia Mbyá Guarani durante o trabalho de campo e o posterior



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

aprofundamento na literatura existente, possibilitou a construção de uma percepção onde o cuidar e o cultivar é materializada enquanto condição de existência dos Mbyá Guarani. Verificar a preocupação com a manutenção e a constante construção dos saberes da sua cultura, vinculados ao propósito da construção de uma escola autônoma, seguindo os preceitos da cultura construtiva tradicional e ao mesmo tempo, abrindo espaço para a colaboração daqueles que são de fora, parecem reforçar o caráter identitário, sem abrir mão da dinâmica e do movimento do mundo em que está contida, o que é um grande exemplo para ilustrar as dinâmicas dessa cultura.

Sobre a ótica literal do construir uma edificação, a cultura Mbyá Guarani têm muito a nos ensinar, e não precisamos nos tornar *Mbyás* e nem construirmos habitações similares às deles para percebermos que utilizar materiais do próprio local, prestar atenção as escalas construtivas, valorizar os saberes autóctones, as características do clima e os tempos da natureza, são condicionantes importantes a serem levados em consideração para a manutenção da harmonia com a natureza. Há muito tempo já vem se alertando sobre o modo de vida predatório dos *juruás* em nossas relações com a natureza, daí a importância de abrir espaços para que emergjam outras culturas construtivas, outras racionalidades, outros modos de ser e de conviver com a natureza, dos quais podemos e devemos nos espelhar, trocar saberes e refletir acerca das formas como nos expressamos materialmente no mundo.

O Litoral Norte do Rio Grande do Sul possui uma forte presença dos Mbyá Guarani, e no que tange as relações entre sociedade, natureza e cultura, estimular esse contato entre *Mbyás* e *Juruás*, possibilitando o conhecimento e o reconhecimento destas outras formas de ver e viver o mundo, podem se configurar como elementos impulsionadores para a construção de uma sociedade mais inclusiva e mais consciente sobre os seus impactos na natureza.

BIBLIOGRAFIA

BENITES, André; MARQUES, Olavo, R; VOLF, Matheus, P. **Modo de ser Mbyá Guarani: um ano da retomada em Maquiné (Mbyá Rekó: Petey Arapy)**. Youtube. 13 de abr. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzIUOUAGPzQ&t=7s>. Acesso em: 12. set. 2020.

CADOGAN, L. **Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá**. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología/ Fundación León Cadogan / CEADUC-CEPAG, 1997.

CHAMORRO, G. **Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser**. Cadernos Comin, São Leopoldo: Comin. n. 8, 1999. CLASTRES, H. **Terra Sem Mal: o profetismo tupi-guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FARIAS, João Maurício; HENNIGEN, Inês. **A Tekoá Ka'aguy Porã: Espaço Ancestral e Produção de Subjetividade Mbya-Guarani**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 39, 2019. .



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000500300&lng=en&nrm=iso. access on 27 Jan. 2020. Epub Aug 15, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003221659>.

FERREIRA, Thiago, L. **Um olhar sobre os processos de produção das culturas construtivas tradicionais.** Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. IAU-USP. 16 edição. São Paulo. Pág. 78-87. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/73486>. Acessado em: 10 jan. 2020.

GOBBI, F. S., BAPTISTA, M. M., PRINTES, R. B., & COSSIO, R. R. **Breves aspectos socioambientais da territorialidade Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, RS: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. 2010.

GUIDONI, Enrico. **“Architecture primitive: histoire de l’Architecture”**, Gallimard / Electa, 1994.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill.** Londres: Routledge, 2000.

LANG, Francisco. Teko Jeapo Yvyrupare – **Cultura Mbyá Guarani em Ação em Nosso Território Ancestral.** TCC (Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – UFRGS – Porto Alegre, 2018 – Disponível em: https://issuu.com/franciscolang/docs/pesquita_tcc_teko_jeapo.compressed. Acesso em 27 jan. 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **“Cultura: um conceito antropológico”**. Rio de Janeiro. Zahar. 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1908 - **O pensamento selvagem.** Tradução: Tânia Pellegrini - Campinas, SP: Papirus, 1989.

PERUZZO, Gustavo do Amaral. **Cultura, paisagem e educação no contexto da retomada Mbyá Guarani em Maquiné, RS.** Trabalho de conclusão de graduação. UFRGS. Porto Alegre. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/198240>. Acesso em 20 nov. 2019.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **“Etnocentrismo”**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2017.

UNESCO, **“Architecture & Cultures Constructives – éléments pour un pôle d’enseignement de la construction”**, L’unité Architecture pour l’Education de l’Unesco, Paris, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **PALAVRAS-CHAVE: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2007.

ZANIN, Nauíra, Z. **Abrigo na Natureza: construção Mbyá-Guarani, sustentabilidade e**



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

intervenções externas. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

ZANIN, Nauíra, Z.; SATTLER, Miguel, A. **Construções Mbyá-Guarani: Processo Construtivo como Fortalecedor da Sustentabilidade.** In: IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis. 2007. Campo Grande, MS. Disponível em: https://www.academia.edu/34009686/CONSTRUÇÕES_MBYÁ-GUARANI_PROCESSO_CONSTRUTIVO_COMO_FORTALECEDOR_DA_SUSTENTABILIDADE. Acesso em 20 jan.2020.

ⁱ **Ka'aguy Porã** – “matas saudias, boas, com recursos naturais ainda abundantes, onde vivem os animais originais em sua diversidade”.

ⁱⁱ **Teko Jeapó** – “Cultura em Ação”.

ⁱⁱⁱ **Juruá** – “aqueles que são os não indígenas”.

^{iv} **Tekoá** – “espaço, lugar que tem as condições de existência e realização de seu modo de vida ancestral”.